

POR UMA ASSEXUALIDADE RIZÓMATICA

Luigi Silvino D'Andrea
Doutorando em Psicologia
PUC MINAS- PPG em Psicologia
Ativismos das dissidências de gênero e sexualidade

Resumo

O referido trabalho apresenta a assexualidade como uma orientação sexual entre sexo e o não sexo ou guarda chuva cinza. Com ajuda do conceito de Deleuze e Guattari sobre rizoma, abre-se o leque para um orientação plural em que o singular incorpora os assexuais, saindo de um modelo standart sobre a Assexualidade. . Com isso podemos descolar uma sexualidade genitalizada, para outras possibilidades, descartando uma compulsoriedade do pênis e da vagina, como figura centrais de um mundo sexocentrado. Isso amplia o sexo para outras zonas corpóreas, deslocando também a reprodução como final para a sexualidade. Esse pensamento pode trazer ganho para as sexualidades minoritárias, como a assexualidade, que não renega o pênis, mas conduz a relação sexo e corpo de outra forma.

Palavras-chave: assexualidade; rizoma; gênero; sexualidades dissidentes

Introdução

Procuramos entender a assexualidade e todas as formas possíveis de plurais de sexualidades, saindo de uma dialética do sexo ou não-sexo, ou seja, de uma leitura dicotômica, para uma visão polimórfica de possibilidades de vida. Uma das perspectivas a apresentar é uma visão da sexualidade como um rizoma, conceito cunhado por Gilles Deleuze e Felix Guattari no livro *Mil Platôs*, no platô intitulado “Rizoma”, no qual utilizam emprestado aspectos conceituais da biologia . Isso traz um outro olhar para uma pensar em uma sexualidade fora de um olhar biomédico e de um plano cartesiano.

Isso abre as possibilidade dos corpos para possíveis encontros na vida e com a vida, saindo da visão do uno, do *isso* ou *aquilo*, homem ou mulher ou do sexual ou assexual, com isso quebrando os binarismo, e uma visão platônica em que enxergamos a vida. A visão do rizoma é olhar pelo múltiplo, saindo de um olhar metafísico e transcendente. Podemos citar:

O rizoma navega pelo plano da imanência, em que pode se expandir na dimensão micropolítica. O rizoma amplia o conceito de sexualidade pois “[...] o rizoma, ao contrário, é uma liberação da sexualidade, não somente em relação à reprodução, mas também em relação à genitalidade .“ (DELEUZE & GUATTARI, 1995, p.13). Assim podemos descolar uma sexualidade genitalizada, para outras possibilidades, descartando uma compulsoriedade do

pênis e da vagina, como figura centrais de um mundo sexocentrado. Isso amplia o sexo para outras zonas corpóreas, deslocando também a reprodução como final para a sexualidade. Esse pensamento pode trazer ganho para as sexualidades minoritárias, como a assexualidade, que não renega o pênis, mas conduz a relação *sexo e corpo* de outra forma.

Ao romper com uma sexualidade instituída, podemos pensar em polimorfismo sexual, para além e com o corpo, em que zonas do corpo, como dedos, bocas, anus, podem *desginatilar* o sexo, mas não como um processo de negação, mas como para ser desconstruído, e com abertura do sexo para outras conjugações, que também a questão da penetração e junção de corpos não seja haja compulsório.

Aqui transcorreremos pelas linhas conforme Deleuze & Parnet (1998), nos traz, as linhas que compõe a vida. Ele fala de três tipos de linhas. A primeira é uma linha dura ou segmentar, é a linha da representação social, da profissão, dos segmentos. Essas linhas trabalham com máquinas binárias, que não são dualistas, mas sim dicotômicas. Como homem e mulher, produz um travesti, e essa máquina vai realizando recortes. São linhas molares ou linhas de uma identidade e o plano que impera é da *organização*, da forma. A assexualidade é perpassada pela linha segmentar e pelo plano de organização. Ao se firmar como identidade sexual e ou orientação, o plano que impera é o das formas. Isso é interessante perceber na classificações dentro da assexualidade. Quando muitas vezes vimos nos grupos sobre a assexualidade no Facebook, vários usuários perguntam, se identificam como assexuais e depois quais das classificações dentro do espectro assexual, eu me identifico. Como por exemplo: *dimsexualidade, gray, homorrantico e outros*.

As identificações são importantes por adquirem características provisórias, não como algo *standart*, em que nada pode mudar. As falas de muitos assexuados, que retratam ter uma vida sexualmente em algum momento da vida, mostra esse corpo como algo fluido e aberto a experimentação, que apesar da linhas duras, sempre escapam linhas de fugas, que criam outra geografia.

A outra linha não funciona por segmentos, mas por devir ou bloco de devir, ela funciona por limiares, e o plano porque passa essa linha não é o mesmo, é o *plano de consistência ou de imanência*. Essa linha é de segmentariedade maleável ou migrante, que se opõe ao modelo arborescente. O movimento que há é de aceleração ou lentidão. É que fazem a linhas moleculares passarem pelos estratos criando processos de desterritorialização. Essa linha atrapalha os processos binários, e também não produzem um terceiro da parturição

dessa movimento dialético. Nessas linhas, percebemos pequenas fissuras, as rupturas imperceptíveis..(DELEUZE & PARNET, 1998). Esse desdobramento nos mostra que a assexualidade não está fadada somente, a pessoas que não gostam de sexo, mas pelo que vemos, qualquer pessoas que fuja de um padrão sexonormativo, pode achar alguma brecha na assexualidade como os *gray-a* ou os *dimsexuais*. Essa variação do desejo sexual, mostra que não há uma sexualidade pré-formatada. Apesar de que os *gray-a*, por terem uma sexualidade migrante, que foge de uma lógica quantitativa (quantas vezes demos ter relações sexuais por semana), se mostram abertos a gradientes de variação.

Mas nos discursos assexuais, ha uma abertura para masturbação e outras práticas ditas como sexuais, que mesmo os assexuais românticos possam ter encontros sexuais, pois que os deslocamentos dos seus corpos, podem criar virtualidades, e se atualizar em várias possibilidades. Esse corpo assexual se abre para o devir, que não o coloca como um corpo estático, mas sim aberto as afetações.

A terceira linha e de fuga é a de fuga ou nômade, essa linha precipita todos os movimentos de desterritorialização, Essas linhas não são sobre codificadas nem pelas linhas duras ou maleáveis. Elas se entregam ao devir e as vezes precisam ser inventadas .As linhas de fuga rompem com o tempo cronológico .” Não se deve entender essa primazia das linhas de fuga cronologicamente, mas tampouco no sentido de uma eterna generalidade. É, antes, o fato e o direito do intempestivo; um tempo não pulsado, uma heciedade como um vento que se levanta, uma meia-noite, um meio-dia.” (DELEUZE & PARNET,1998, p. 112). Nessa linha o corpo assexual entre em variação intensiva, como esse corpo varia, podemos dar o exemplo do assexual arromantico, quando se afeta, pode abrir seu corpo para arte ou outra possibilidade, em que no seu corpo, não há uma competição com uma sexualidade pré-existente ou biológica. No corpo sexualizado há momentos que esse corpo varia em uma devir assexual, não sendo algo patológico, mas com esse corpo varia em outras variações.

Esse corpo se abre para uma viagem, quando os assexuais nos blogs ou redes sociais, colocam um bolo, como opção para o sexo, mas visualizamos com algo que não entra em uma via de opção, mas de variação e afetação, podendo ser o bolo, as artes e o que esse corpo se desterritorize, sem saber o que estar por vir.

Com isso essa três linhas não são estáveis e não há uma boa linha ou má. Elas se revezam na vida

Essas três espécies de linhas se misturam constantemente e não param de interferir uma sobre as outras, tornando-se reconhecíveis justamente pela existência dos outros tipos que a acompanham. Frequentemente se transformam umas nas outras, como os autores colocam: correntes de maleabilidade que podem se apoiar em pontos de rigidez, e vice-versa. (CASSIANO & FURLAN, 2013, p. 375)

Com isso podemos coadunar a esse olhar à assexualidade, como uma viabilidade de sexualidade que pode-se ligar a outras, que não esteja preso há uma identidade. E dentro das assexualidade, tornar quebradiças as classificações que nela se encontram, como *gray-a*, *demi-sexual* entre outras, possam haver roscidades, saindo de uma verdade imutável. Em que esse corpo assexual possa experimentar novos territórios, para o além do binarismo *sexo* e *não sexo*. Que esses corpos podem vivenciar acelerações e diminuições de velocidade nesses encontros. Segundo Romagnoli (2007), que somos todos forças virtuais, e que no atualizamos pelo real ou acontecimentos. E que os agenciamentos que ocorrem na vida, só podem ocorrer através das relações. A potencia das relações não se esgotam nas atualizações, pois o empírico não conseguem apreender todas as forças que se transversalizam. Essas diferenciações somente acontecem nos encontros que fazem, e como somos afetados por eles.

A assexualidade pode se configurar como uma linha de fuga dentro de um sistema *sexocentrado*, mas não em oposição a ele, mas como uma possibilidade de coexistência dentro do mundo das formas e das forças. Com isso não queremos dizer que não possa existir possibilidade de haver um assexual homorromântico, mas que posso existir variabilidades da assexualidade, como também da orientação romântica, não seja um estrato, mas possibilidades de várias linhas desejanter perpassarem esse corpo. As linhas de fuga coexistem com as linhas maleáveis e a linhas duras ou estratificadas, que são as linhas da vida. Assim, podemos afirmar que toda maneira de lidar com a assexualidade é uma linha de fuga, mas que dependo das composições e das circunstâncias, um modo assexual pode escapar de uma identidade dominante.

Essa corporeidade é traçada pelas três linhas, pois se propormos uma desterritorialização constante, essa linha de fuga, será uma linha de abolição ou de morte. A linha de fuga se converte em linha de abolição, quando elas destroem outras linhas e si mesma. Essa linha ultrapassa um limiar rápido mais, que se torna insuportável, e se rompe, ou

podem ir para um buraco negro, onde não poderá sair mais, como os microfascismos, pequenas segregações, pequenos édipos. (DELEUZE & PARNET, 1998) . Um dos buracos negros que podem despotencializar as linhas da vida, em quando essa vincula há uma identidade fixa, imutável, pode levar há uma mortificação, dentro das classificações da assexualidade, como arromantico, romântico e suas possibilidades. A estatização até de uma assexualidade padronizada, pode criar um empobrecimento da vida e na vida.

As identidades sexuais como a heterossexualidade, bissexualidade, homossexualidades, são vistas como fossem *standarts*, em que não fosse possível alargamentos, transformações e outras possibilidades. A própria assexualidade pode ser um exemplo, como o *quantum* de desejo sexual fosse igual para todos, se fosse possível quantificar em todos os momentos da vida. Com isso podemos teremos uma ajuda:

Como é possível que os movimentos de desterritorialização e os processos de reterritorialização não fossem relativos, não estivessem em perpétua ramificação, presos uns aos outros? A orquídea se desterritorializa, formando uma imagem, um decalque de vespa; mas a vespa se reterritorializa sobre esta imagem. A vespa se desterritorializa, no entanto, tornando-se ela mesma uma peça no aparelho de reprodução da orquídea; mas ela reterritorializa a orquídea, transportando o pólen. A vespa e a orquídea fazem rizoma em sua heterogeneidade. Poder-se-ia dizer que a orquídea imita a vespa cuja imagem reproduz de maneira significante (mimese, mimetismo, fingimento, etc.). Mas isto é somente verdade no nível dos estratos - paralelismo entre dois estratos determinados cuja organização vegetal sobre um deles imita uma organização animal sobre o outro. Ao mesmo tempo trata-se de algo completamente diferente: não mais imitação, mas captura de código, mais-valia de código, aumento de valência, verdadeiro devir, devir-vespa da orquídea, devir da orquídea da vespa, cada um destes devires assegurando a desterritorialização de um dos termos e a reterritorialização do outro, os dois devires se encadeando e se revezando segundo uma circulação de intensidades que empurra a desterritorialização cada vez mais longe. Não há imitação nem semelhança, mas explosão de duas séries heterogêneas na linha de fuga composta de um rizoma comum que não pode mais ser atribuído, nem submetido ao que quer que seja de significante. (DELEUZE & GUATTARI, 1995, p 6)

Podemos pensar na sexualidade como criação de territórios e desterritorialização dos mesmos, mas sempre relativa, e não como algo absoluto, mas percebido dentro de uma processualidade, em que o corpo se abre para o devir, como uma devir *gay*, mas não ligado a uma genitalidade, mas a um modo de vida. Os assexuais podem estar ligados a processualidades do corpo, fugindo das sobrecodificação, mas como um mapa que se interligam a outros, e depois se desconectam, repensando a vida e a sua sexualidade não como algo teleológico, mas como algo por vir. Pensar na assexualidade, como um rizoma, como potencia fascicular, em que se criam e recriam. Nisso podemos citar:

Falamos exclusivamente disto: multiplicidade, linhas, estratos e segmentaridades, linhas de fuga e intensidades, agenciamentos maquínicos e seus diferentes tipos, os

corpos sem órgãos e sua construção, sua seleção, o plano de consistência, as unidades de medida em cada caso. (DELEUZE & GUATTARI, 1995, pg. 3)

Pensar rizomaticamente é também pensar por transversalidade. Assim, outro conceito importante que podemos trazer a baila é o de *transversalidade*, trazido por quando Guattari, trabalhava em La Borde uma clínica psiquiátrica na França. Guattari (1987) utiliza o conceito de transversalidade como uma alternativa aos movimentos da verticalidade, sustentados pelas hierarquias, pela introjeção das normas e das demandas instituídas presentes nos grupos assujeitados, e também aos movimentos de horizontalidade, que associa setores distintos sem que se estabeleça uma relação entre eles. A transversalidade provoca um deslocamento para que o grupo seja um dispositivo produtivo de novas realidades, abrindo-se para a invenção. Nessa direção um exemplo que Deleuze nos dá, é o de Henry Miller, quando o mesmo toma um porre bebendo água. Rossi & Paro (2013), trazem o intercambiamento entre literatura e filosofia e trazem os filósofos franceses como um analisador da obra de Miller e dizem: “É nos estados de embriaguez, bebidas, drogas, êxtases que se buscará o antídoto ao mesmo tempo do sonho e do juízo” (DELEUZE & GUATTARI, 1997, p.147). Embriaguez que aposta na desestabilização dos estratos, das sexualidades definidas para se produzir outra forma de se colocar no mundo.

Com isso trazem, um texto de Henry Miller, chamado Tropic de Câncer, que ele faz chegar ao êxtase trazendo através de sua escrita, em que os inumanos aparecem criando mundos, não só como um aspecto estético e político, mas há também uma carga de vida. Em que o nomadismo presente na obra, faz com que enxerguemos a vida como uma obra de arte, e que traz, através dessa linha nômade uma liberação entre juízo e o sonho, eles falam não mais humanos, mas inumano e nômade. (ROSSI & PARO, 2013). Dimensão entre subjetividades e dimensões autônomas, que se fazem nas relações, criando um espaço inumano, incorporeal, mas não menos potente, “entre” no qual conexões são feitas para se inventar, para sairmos de nós mesmos.

Deleuze e Guattari (1995) vai enfatizar esse processo chamando de devir, como um nomadismo abstrato ou de processualidade. Isso pode ser um homossexual com devir assexual ou minoritário, como linhas entre os estratos e linhas de fugas, que podem ser romper e se conectar em outro lugar. (PRECIADO, 2014). A homossexualidade pode estar em dois planos, como exemplifica Preciado (2014), em que aqui transporemos para a assexualidade, o plano vertical, o da verdade, como um plano de oposição entre o significado

e significativa, entre o masculino e o feminino, operando do plano da dialética ou da verdade. Ela fala que nesse momento pela inversão nietzschiana de todos os valores, com a transvaloração e a torção do plano vertical. Com isso se altera as verdades e correspondência entre os signos, quebrando os estratos, de uma verdade transcendental. A assexualidade nesse plano é que se opõe a uma sexualidade, ou ao sexo, que se esquadrinha em subclassificações, que podem ser necessárias como identidades temporárias.

O plano horizontal, diferente do que Guattari (1987) coloca como horizontalidade, aos estudar os grupos, como vimos acima, é um teatro ou palco da vida em que os signos circulam sem referente transcendental. Nessa perspectiva é o caos que impera, não no sentido pejorativo, mas de uma potência. Na obra *Proust e os Signos*, Deleuze (2003) colocara o personagem Charlus, que fecunda sem necessidade de irromper com a filiação do pai e do filho. Por isso ele entrega o ânus, e com isso escapa da reprodução. (PRECIADO, 2014).

A assexualidade nesse plano, se joga no campo das forças e se descobre, e se desdobra fora de um mundo sexocentrado, havendo múltiplas possibilidades finitas de encontros entre esses corpos. Com isso não cai no escopo da sobrecodificação, de uma verdade infinita para esse corpo, que já está fadado a não se agenciar com mais nada. As linhas flexíveis e de fuga, fazem fugir temporariamente da identidade, criando combinações ainda não catalogadas ou retificadas. A vontade de *não sexo*, não está preso há uma falta, ou algum personagem de edípico, mas há uma potência, que chega pela diferença, pelo novo

Referências

CASSIANO, Marcella; FURLAN, Reinaldo. O processo de subjetivação segundo a esquizoanálise. **Psicologia e Sociedade**, Belo Horizonte, v. 25, n. 2, 2013. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822013000200014&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 2 out. 2017

DELEUZE, Gilles; PARNET; Claire. **Diálogos**. São Paulo: Ed. Escuta, 1998

DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução: Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Vol. 1. São Paulo: Editora 34, 1995. (Coleção Trans).

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução: Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Vol. 5. São Paulo: Editora 34, 1997. (Coleção Trans).

DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

PRECIADO, Beatriz. **Manifesto contrassexual**. São Paulo: n-1 edições, 2014.

ROMAGNOLI, Roberta. “A invenção como resistência: por uma clínica menor”. **Vivência**, Fortaleza, n. 32, p. 97-107, 2007

ROSSI, Daniel, PARO, Maria Clara Bonetti. Variação Nômade: Henry Miller, filosofia e o combate ao juízo. **Revista Estação Literária**, Londrina, Volume 10 C., p. 7-22, fev. 2013. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/letras/EL/vagao/EL10C-Art1.pdf>. Acesso em: 15 de ago. 2015.